

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“PARA O DESPORTO CARIOCA, PARA O PROGRESSO DA CIDADE”: IMPrensa ESPORTIVA, DIRIGENTES E O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 1940.

Renato Soares Coutinho

Professor de História do Brasil Republicano da Universidade Federal Fluminense
rscoutinho@id.uff.br

Resumo

Está consolidado no imaginário social do Rio de Janeiro que o estádio Mario Filho, o Maracanã, foi construído para a Copa do Mundo de 1950. Sem dúvidas, as condições objetivas para a realização das obras estiveram associadas ao torneio internacional. Mas a ideia de um grande estádio que fosse neutro, central na cidade do Rio de Janeiro e que servisse para os grandes clássicos do futebol e para os eventos sociais do Rio de Janeiro não era novidade em 1946, ano em que o Brasil foi anunciado como sede do torneio mundial de 1950. O objetivo deste trabalho é mostrar como a crise do futebol carioca nos primeiros anos do modelo profissional, acentuada pela queda da arquibancada de madeira durante um jogo entre São Cristovão e Flamengo em 1943, foi o fator determinante para que o projeto de um estádio municipal de grande porte fosse defendido pela imprensa esportiva e pelos dirigentes esportivos, associando o desenvolvimento do futebol ao progresso da cidade do Rio de Janeiro ainda na primeira metade da década de 1940.

Palavras-chave:

Rio de Janeiro; Estádio Municipal; imprensa esportiva.

Introdução

Está consolidado no imaginário social do desporto brasileiro que o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, hoje batizado de Jornalista Mario Filho, o Maracanã, foi construído para sediar os jogos da Copa do Mundo de futebol de 1950. Sem dúvidas, as condições objetivas para a realização das obras estiveram associadas ao torneio internacional. A decisão da FIFA de realizar a Copa do Mundo no Brasil, tomada em 1946, foi determinante para que o projeto de um grande estádio na capital federal saísse do papel em 1947 e começasse a ser executado.

Mas a ideia de um grande estádio nos moldes do que se tornou o Maracanã, que fosse neutro, central na cidade do Rio de Janeiro e que servisse para os grandes clássicos do futebol carioca e para os eventos sociais não era novidade em 1946, ano em que o Brasil foi anunciado pela FIFA como o país sede do torneio mundial de futebol. A campanha pelo estádio municipal foi gestada no momento de crise dos públicos e da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

falta de estádios do futebol carioca, e não surgiu relacionada à necessidade de um estádio para sediar um torneio de seleções. A primeira campanha pela construção do estádio municipal, publicada nos jornais esportivos no início dos anos 1940, reivindicava o estádio municipal como uma obra ligada ao progresso do desporto e da cidade do Rio de Janeiro, mesmo antes de se pensar em Copa do Mundo. E um acontecimento pouco lembrado pela memória social do esporte carioca foi fundamental para o avanço das campanhas pela construção do novo estádio.

Em 1943, um fato trágico ampliou o debate sobre a organização do futebol profissional e sobre a necessidade de uma nova praça de esportes na cidade. Em um jogo entre São Cristovão e Flamengo, realizado no estádio da Rua Figueira de Melo, as arquibancadas de madeira superlotadas cederam e mais de duzentos torcedores ficaram feridos. O jogo foi interrompido, jogadores ficaram traumatizados e a imprensa esportiva descreveu o acontecimento como uma cena de guerra, como se o Rio de Janeiro fosse uma Londres em bombardeio! A comoção popular abriu caminho para o fortalecimento de uma campanha que envolveu jornalistas, dirigentes dos clubes, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro e até o presidente da República, Getúlio Vargas, para a construção de um novo estádio na cidade.

O objetivo deste trabalho é mostrar como a crise do futebol carioca nos primeiros anos do modelo profissional, que atingiu seu ápice com a queda da arquibancada no Campo do São Cristovão em 1943, foi o fator determinante para que o projeto de um estádio municipal de grande porte fosse defendido pela imprensa esportiva e pelos dirigentes esportivos, associando o desenvolvimento do futebol ao progresso da cidade do Rio de Janeiro ainda na primeira metade da década de 1940.

Os primeiros anos do futebol profissional do Rio de Janeiro não foram fáceis. Campeonatos com fórmulas confusas, jogadores ruins e muito desequilíbrio entre as equipes, poucos torcedores no estádio e muito prejuízo para os clubes. Nas páginas dos jornais, o pessimismo com os campeonatos do Rio de Janeiro era evidente. Nos campeonatos de 1940 e 1941, os jornais *Globo Sportivo*, da família Marinho, e *Jornal dos Sports*, do jornalista Mario Filho, noticiaram severas críticas sobre os rumos do futebol carioca, especialmente estabelecendo comparações com o sucesso do futebol paulista. Em meio a todas as críticas, começava a ser elaborado na imprensa o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diagnóstico sobre o fator determinante para os fracassos cariocas: no Rio de Janeiro não havia um estádio como o Pacaembu.

Fora o estádio de São Januário, do Vasco da Gama, e o Estádio da Rua Álvaro Chaves, do Fluminense, o futebol do Rio não dispunha no início da década de 1940 de grandes estruturas para o público do futebol. Os outros clubes, em absoluta maioria, tinham arquibancadas acanhadas, feitas de madeira, e com poucas condições de segurança. O América Football Club na Rua Campos Salles, o Bangu no campo da Rua Ferrer, o Bonsucesso em Figueira de Mello, o Canto do Rio no Caio Martins, além de Flamengo e Botafogo na zona sul da cidade, não tinham campos em condições de receber grandes públicos. E na medida em que o campeonato ficava mais equilibrado e mais desses times pleiteavam o título, mais jogos decisivos começavam a ser disputados nesses estádios sem estrutura.

A solução improvisada era jogar nos campos dos rivais. O próprio Flamengo, campeão de 1942 e já celebrado como o clube mais popular do Brasil, precisou jogar diversas vezes nos campos emprestados de Vasco e Fluminense, tornando o mando de campo neutro, fato que desagradava bastante os dirigentes do clube. Dos vinte e sete jogos disputados pelo rubro-negro, apenas nove foram realizados no campo da Gávea. E nos poucos jogos decisivos disputados na Gávea, a preocupação com o pouco espaço para os torcedores era flagrante. No *FlaxFlu* de 09 de agosto, a diretoria precisou lançar uma nota na imprensa avisando que “em função da excepcional concorrência” (Jornal dos Sports, 09 de agosto de 1942, p.11) para o jogo, os sócios estavam impedidos de levar familiares e convidados para o clube. O campeonato de 1942 conseguia superar o problema da falta de interesse do público, mas passava a lidar com os limites físicos das praças desportivas.

Atento a essas limitações, ao final do campeonato de 1942, o Flamengo realizou uma reforma no estádio para melhorar a estrutura para os atletas e aumentar a capacidade de público. O aterramento da lagoa Rodrigo de Freitas foi ampliado e novos vestiários, além de duas novas quadras de tênis, foram construídos. E o mais importante para o clube: foi erguido um novo lance de arquibancadas. A matéria publicada no JS ressaltava a importância da obra para os torcedores:

O terreno recentemente aterrado já está firme, e dentro em pouco eleva-se nele uma sólida arquibancada de madeira com capacidade para cerca de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cinco mil pessoas, o que aumenta consideravelmente as instalações destinadas ao públicos das gerais” (Jornal dos Sports, 13 de novembro de 1942, p.6).

Se em 1942 o Flamengo jogou apenas 1/3 dos jogos no seu estádio, após a reforma da Gávea essa proporção aumentou significativamente. Em 1943, dos dezoito jogos, oito foram disputados na Gávea, quase a metade das partidas. Isso indicava que o clube estava mais atento aos seus interesses de mando de campo. Mas não apenas o Flamengo passava a se importar mais com esse fator. Os outros clubes da cidade também reivindicavam o direito de jogar nos seus estádios. A fórmula para a tragédia de 1943 estava pronta: times melhores, mais interesse do público, menos estádios em condições para o crescimento do futebol na cidade. O resultado lógico, segundo os jornalistas da época, ocorreu no dia 19 de setembro de 1943, na Rua Figueira de Mello, no bairro de São Cristovão.

A queda da arquibancada: uma cena de guerra em São Cristovão

Em 1943, ocorreu o fato que potencializou todas as críticas veiculadas pela imprensa em relação ao problema da falta de estádios na cidade. Em um jogo decisivo entre São Cristovão e Flamengo, realizado no acanhado estádio da Rua Figueira de Melo, a arquibancada de madeira cedeu e centenas de torcedores ficaram feridos, causando a interrupção do jogo e provocando grande comoção popular sobre as condições estruturais dos campos da cidade.

O desabamento da arquibancada com os torcedores do Flamengo aconteceu aos 18 minutos do primeiro tempo. O estádio estava lotado e os torcedores rubro-negros se concentravam em torno da faixa com os dizeres “Avante Flamengo”, que em 1942 começou a ser utilizada pelo líder da torcida Jayme de Carvalho para identificar o local onde deveriam ficar os torcedores flamengos. Foi exatamente onde estava a maioria da torcida rubro-negra que a madeira quebrou e a arquibancada cedeu.

Personalidades como Mario Filho, Vargas Neto, presidente da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), e o escritor José Lins do Rego estavam presentes na tribuna de honra do estádio. Antes do desabamento, o Flamengo já tinha feito o seu primeiro gol, anotado pelo ponta-esquerda Vevé, após pegar o rebote de um chute do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

meio-campista Zizinho. Minutos depois, o jogador Nestor do São Cristovão avançou para dentro da área do Flamengo e disputou a bola com o zagueiro Domingos da Guia. Nestor caiu pedindo pênalti, mas o árbitro Durval Caldeira mandou o jogo seguir. Nesse momento, com a agitação dos torcedores causada pelo risco de penalidade máxima contra o Flamengo, um buraco se abriu na arquibancada e centenas de pessoas caíram e se amontoaram uma em cima das outras. A cerca caiu em cima dos policiais e os torcedores que não despendaram correram para os degraus de cima da arquibancada ou desceram para o campo, causando muita correria. O cenário foi descrito pelo jornalista Mario Filho como uma cena de cinema:

Só em cinema. O campo encheu-se de gente, gente que corria fugindo, gente que corria para fazer alguma coisa. Em um instante apareceram feridos carregados nos braços de populares, crianças, mulheres, torcedores, de todas as idades, de todas as categorias sociais. Eu vi Jayme [de Carvalho] chorando. A parte da geral que desabara era a parte do Avante Flamengo, da bandeira, os jogadores do Flamengo conheciam muitos dos torcedores que passavam nos braços dos soldados e dos populares. Eu perdi a noção do tempo. Onde eu vira aquilo? Só em cinema. No cinema, porém, a impressão não podia ser tão forte. Eu não via o sangue, não ouvia os gritos (...). A rua Figueira de Melo parecia uma Londres depois do bombardeio. Trinta ambulâncias se alinharam, carros do corpo de bombeiros, tudo que pudesse levar feridos (Jornal dos Sports, 21 de setembro de 1943, p. 4).

Mais de duzentos feridos foram internados nos hospitais do centro da cidade. Apesar da magnitude do acidente, não houve registro de mortes. Mas o futebol da cidade do Rio de Janeiro saiu bastante machucado daquela situação. Os dias seguintes foram de intensos debates e algumas medidas foram tomadas para evitar a repetição daquelas cenas de filme de guerra.

Um novo estádio, capaz de receber mais torcedores com segurança, tornava-se definitivamente a solução para a crise do futebol carioca. Os torcedores feridos em São Cristovão eram a imagem da precariedade do campeonato e o diagnóstico do fracasso carioca se mostrava, de acordo com a imprensa esportiva, indiscutível: era preciso um estádio moderno no Rio de Janeiro.

O desabamento da arquibancada do São Cristovão fez acelerar as articulações políticas pela construção do estádio, que já existiam desde o início do ano de 1943. Na mesma edição em que fazia a cobertura da queda da arquibancada, o *JS* fez questão de destacar que já alertava sobre o problema: “Uma campanha do Jornal dos Sports cuja

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

razão de ser foi comprovada. Como em várias oportunidades se chamou atenção dos clubes para a acomodação do público” (Jornal dos Sports, 21 de setembro de 1943, p. 3).

O tom retrospectivo dos textos do jornal reforçava a ideia do “eu avisei”, presente nas críticas aos clubes. E as opiniões expressas na coluna “críticas e sugestões” foram enfáticas sobre a responsabilidade dos clubes e sobre o alerta feito pela imprensa:

Na verdade, o football carioca poderia ter dispensado a experiência amarga de domingo (...). Não é mesmo possível responsabilizar este ou aquele pelo que sucedeu, pois a verdade é que até agora a mentalidade reinante era a de respeitar, custasse o que custasse, o ‘mando’ dos jogos fixado pela tabela. E ninguém se mostrou disposto a fazer concessão nesse sentido (...). Naturalmente esperava-se que, por um milagre, arquibancadas feitas para um determinado número de espectadores, viessem a suportar o peso em dobro (...). O milagre, todavia, não se verificou, e agora o remédio é concordar que a razão estava com aqueles que se batiam por uma nova política no football profissional (Jornal dos Sports, 21 de setembro de 1943, p.2).

Mesmo adotando uma tática oportunista ao usar um fato comovente para reforçar seus projetos para o futebol carioca, a opinião editorial do jornal não deixava de ter razão. Em maio de 1943, a mesma coluna já clamava pelo apoio popular ao estádio, fazendo a comparação com a estrutura do futebol paulista, que tinha estádios para grandes públicos. Um mês depois, em 30 de junho, a capa do jornal destacava a reunião que seria feita entre os clubes e a FMF para tratar da construção de um estádio nos moldes do Pacaembu. Segundo Mario Filho, essa era uma ideia que deveria “ser recebida de braços abertos pelos clubes” (Jornal dos Sports, 30 de junho de 1943, p. 2).

Entre agosto e o final de setembro, o assunto saiu das páginas do jornal. Mas, quando houve a comoção popular com a tragédia no campo do São Cristovão, o momento se tornou propício para a imprensa mobilizar os atores políticos dos governos municipal e federal em prol da construção de um estádio moderno. Em 30 de setembro o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth, se manifestou na imprensa pela primeira vez sobre o projeto do estádio. Os números eram grandiosos. Como forma de reconhecimento, a FMF inaugurava o retrato do prefeito, ao lado do Presidente Getúlio Vargas, no salão principal do prédio da federação. O prefeito Dodsworth

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anunciou até mesmo os engenheiros responsáveis pelo projeto: Raul Penafina e Enéas Silva, ambos do quadro de servidores federais. De acordo com as diretrizes do projeto:

A obra de linhas modelares, abrangendo uma área de 260 metros por 250. Conterá assim, piscinas, quadras de tênis, rink de basketball, ginásio e ring para boxe (...). Outro detalhe importante é o que se prende ao número de espectadores que o estádio poderá comportar. Nada menos do que 120 mil pessoas sentadas. Será assim, uma maravilhosa construção da prefeitura para o maior desenvolvimento do esporte da cidade (Jornal dos Sports, 30 de setembro de 1943, p. 3).

Na mesma solenidade, o presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Neto, também expressou que o estádio estava articulado ao crescimento da cidade, e não apenas ao futebol: “o Rio de Janeiro não poderia ficar na retaguarda do progresso”(Jornal dos Sports, 03 de outubro de 1943, capa).

A previsão para o encerramento das obras era otimista: no máximo até o fim de 1944. Tal otimismo se justificava pelo apoio lançado pelo presidente da República, Getúlio Vargas. Assim como na época dos rachas nas ligas por conta dos embates entre profissionalistas e amadoristas, a figura do presidente foi convocada e celebrada pela imprensa esportiva como forma de promover o avanço do desporto brasileiro. O apoio estatal era visto pelos agentes da imprensa como condição para o desenvolvimento do futebol.

Em 1943, o papel do Estado Nacional como o organizador das relações sociais e promotor do desenvolvimento econômico era central. Os postulados nacional-desenvolvimentistas e a invenção do trabalhismo brasileiro (GOMES, 1988) encontravam no esporte, especialmente no futebol, lugar privilegiado para a realização das suas diretrizes modernizadoras. Por um lado, o sucesso do futebol era associado ao desenvolvimento de uma sociedade moderna e industrial, capaz de ingressar no *hall* das nações civilizadas do mundo ocidental. Por outro, o discurso do trabalhismo se consolidava em torno do protagonismo do trabalhador urbano, visto como o agente social primordial para o desenvolvimento da Nação. O estádio municipal cumpria, assim, os fundamentos de uma Nação moderna: expressava a grandiosidade e o progresso do Estado nacional-desenvolvimentista através de grandes obras da engenharia; e garantia o lugar de pertencimento simbólico do trabalhador no processo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de modernização do país: a arquibancada do campo de futebol, lugar de encontro e realização do brasileiro.

Na capa da edição do dia 02 de outubro, o *JS* publicou que o estádio municipal era uma aspiração do presidente Vargas, e usou exclamação para reforçar o recado. Aliás, com a entrada do governo federal no processo de construção do estádio, a questão ultrapassava os limites da municipalidade e se tornava nacional:

o pleclaro chefe da Nação proclamou sempre a necessidade de se fornecer aos aficionados do desporto carioca um praça de esportes traçadas segundo as linhas mais modernas, o prefeito Dosdworth em sua faina de sempre melhorar o aspecto geral da cidade, esperou uma ocasião propícia para das os primeiros passos nesse sentido: Virá o Estádio Nacional (Jornal dos Sports, 02 de outubro de 1943, p. 3).

Ao longo da campanha pelo estádio municipal, muitos elementos desportivos foram evocados a fim de legitimar a construção na nova praça de esportes. A importância de um campo neutro, com medidas padronizadas, e com espaço para mais torcedores, eram propagandeados pela imprensa como condições para o futebol do Rio de Janeiro se profissionalizar e superar o de São Paulo. Mas após o desabamento em São Cristovão, o novo estádio se tornava mais do que um fator desportivo. As arquibancadas de madeiras se tornaram o símbolo do atraso, do amadorismo, do passado carioca. Em contrapartida, o novo estádio se tornava o símbolo do progresso do futebol nacional.

Em reunião realizada no dia 26 de outubro de 1943, no palácio do Catete, sede do governo federal, os presidentes dos clubes e os dirigentes da FMF ouviram do presidente uma promessa ainda mais imponente. Vargas indicou a necessidade de se construir dois estádios, um municipal e outro nacional. Com entusiasmo, Mario Filho publicou na coluna “críticas e sugestões” do dia 27 de outubro seus agradecimentos ao presidente da República.

Poucas vezes um Chefe de Estado há de ter demonstrado tanto desejo de auxiliar e prestigiar os desportos como o tem feito sempre o presidente Getúlio Vargas. Dentro do seu feitio de inteirar-se, nos menores detalhes, dos problemas e das necessidades do povo que dirige, o presidente Vargas incluiu também os desportos no campo imenso das suas observações pessoais e por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

isso não se estranha que, em diversas oportunidades, o Chefe da Nação se mostre perfeitamente identificado com as necessidades desportivas do Brasil e procure atendê-las dentro das possibilidades orçamentárias e dentro do espírito de equilíbrio que é o segredo de todas as boas administrações. É o caso, por exemplo, da próxima construção do Estádio Municipal e do Estádio Nacional, duas obras de vulto, destinadas a enriquecer o patrimônio desportivo do Brasil e da sua capital e que vem tendo a bafeja-las o interesse pessoal do mais alto magistrado da nação, como ainda ontem ficou demonstrado quando foram recebidos, no Catete, os presidentes dos clubes cariocas. O presidente faz o que o que povo faria em seu lugar (Jornal dos Sports, 27 de outubro de 1943, p. 3).

Considerações finais

Mais do que um campo para sediar a Copa do Mundo, o projeto de construção de um estádio no Rio de Janeiro gestado em 1943 por imprensa, clubes, FMF e governos municipal e federal, tinha como objetivo erguer um símbolo do progresso nacional e um lugar de reconhecimento e diálogo entre Estado-nação e sociedade. O torcedor, o trabalhador urbano, teria no estádio o lugar de reconhecimento do protagonismo. E o futebol, ao se profissionalizar, se tornaria um exemplo bem-sucedido da modernidade brasileira.

A queda da arquibancada de madeira, metáfora do atraso, se tornou um ponto de inflexão importante. Expôs o anacronismo dos pequenos campos com degraus de madeira em tempos de progresso do desporto e do país, e municiou os defensores do estádio com argumentos de cunho político e social.

Esse estádio, que chegou a ser apresentado em maquetes nos jornais, não saiu do papel em 1944. Foi preciso que a realização da Copa do Mundo no Brasil em 1950, decidida no ano de 1946, desse o pontapé inicial para as obras em 1947. Mas nessa ocasião, estavam lá prontos para defender a grandiosidade e os significados sociais do estádio os mesmos agentes sociais que anos antes iniciaram o debate sobre os públicos nos estádios de futebol. Com destaque, sem dúvidas, o jornalista Mario Filho.

O estádio municipal, inaugurado em 1950 e que hoje é batizado com o nome do seu maior entusiasta, foi a grande estrela da Copa do Mundo de 1950. Apesar da derrota brasileira, ele se tornou o símbolo da magnitude do futebol no Brasil: 200 mil pessoas em silêncio, sofrendo com a derrota, uma metáfora dramática da pátria.

Mas se ele foi estrela da Copa, por outro lado, ele não foi construído apenas para ela. O estádio do Rio de Janeiro em seu projeto inicial indicava a disposição do Estado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nacional em dialogar com os agentes da sociedade civil. Em outros termos, ele surgiu do esforço de inclusão e interação social dos torcedores, imprensa e Estado a partir de um pacto social que entendia as camadas populares como os verdadeiros representantes da modernidade brasileira. Mais do que um estádio para a Copa do Mundo, o estádio municipal surgiu para ser o lugar das multidões historicamente esquecidas no Brasil. Coube a Mario Filho decifrar como ninguém os significados do projeto:

Desse modo, quando, mais tarde, as multidões se reunirem nas monumentais praças desportivas que em breve se erguerão, para celebrar as suas maiores festas, a homenagem de ontem não deve ser esquecida, como o marco de uma era de entendimento mais amplo entre o poder público e o desporto (Jornal dos Sports, 27 de outubro de 1943, p. 3).

Fontes

Jornal *Globo Sportivo*, Rio de Janeiro, de 1940 a 1944. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, de 1940 a 1944. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Referências bibliográficas

ASSAF, Roberto. *Grandes jogos do Flamengo: da fundação ao hexa*. São Paulo: Panini Books, 2010.

..... *História dos campeonatos cariocas de futebol 1906-2010*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

BASTOS, Pedro Paulo Zaluth & FONSECA, Pedro Cezar Dutra. (orgs.). *A era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Unesp, 2012.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: O Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

GOMES, Angela de Castro. “Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas”. *Revista USP*, São Paulo, n.º. 65, março/maio 2005.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. “História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes*, volume 2. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2006.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SOUZA, Denaldo Alchorne. *O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.